

NORA ROBERTS

CAMINHOS DO AMOR



*Ao poder da família;
aos que nascem, aos que se fazem.*

*Quando voltaremos a encontrar-nos?
Entre raios e trovões ou sob chuva?
Quando terminar o bélico alarido,
E se achar um vencedor e um vencido.*
—WILLIAM SHAKESPEARE, *macbeth*¹

¹ *in Macbeth* — «Clássicos para Leitores de Hoje», Ed. Relógio d'Água.



Inverno, 1263

Junto às sombras do castelo, na profundez da floresta verdejante, Sorcha conduzia os filhos através da penumbra em direção a casa. Os dois mais novos montavam o robusto pónei, com Teagan, de apenas três anos de idade, tombando a cabeça a cada passada lenta. Estaria cansada, pensou Sorcha, depois da excitação do Imbolg; as fogueiras, o banquete.

— Cuida da tua irmã, Eamon.

Para Eamon, de cinco anos, cuidar da irmã mais nova era acordá-la com uma suave e rápida cotovelada para depois continuar a mordiscar o pão *bannock* que a mãe fizera naquela manhã.

— Falta pouco para chegarmos a casa e te deitares na tua cama — disse Sorcha com voz doce quando Teagan choramingou. — Falta pouco para chegarmos a casa.

Demorara-se demasiado na clareira, pensou ela. E embora

o Imbolg celebrasse o despontar da vida no ventre da Mãe Terra, a noite caía demasiado cedo e com rigor no inverno.

E quão rigoroso fora, com ventos agrestes, nevões e chuvas geladas. O nevoeiro ensombrara todo o inverno, ocultando Sol e Lua. E, demasiadas vezes, no meio da névoa, ela escutara a evocação do seu nome; um chamamento a que se recusava responder. Demasiadas vezes, naquele mundo branco e cinzento, ela vira a escuridão.

Sorcha recusava-se a negociar com tal coisa.

O seu homem suplicara-lhe que partisse com os filhos para junto dos seus, enquanto ele travava as suas batalhas naquele interminável inverno.

Como mulher do *cennfine*, todas as portas se lhe abriam. E também por direito próprio, por quem e pelo que era, Sorcha seria sempre bem acolhida.

Mas ela precisava da sua floresta, da sua cabana, do seu canto. Para si, o isolamento era tão essencial como respirar.

Iria sempre cuidar dos seus, da sua casa e do seu lar, do seu dom e dos seus deveres. E, principalmente, dos preciosos filhos que ela e Daithi haviam feito. Ela não tinha medo da noite.

Era conhecida por Bruxa das Trevas e o seu poder era grande.

Mas naquele momento sentia-se somente uma mulher com saudades do marido, ansiosa pelo seu calor, o corpo firme de encontro ao seu na escuridão fria e solitária.

Que lhe importava a guerra? A ganância e as ambições dos reis mesquinhos? Tudo o que queria era o seu homem a salvo e inteiro.

Quando ele regressasse a casa, fariam outro bebé e ela sentiria novamente a vida a crescer dentro de si. Ainda chorava a vida que perdera numa brutal noite negra, em que o

primeiro vento invernal atravessara a sua floresta como um lamento.

Quantos curara ela? Quantos salvara? E, contudo, quando o sangue jorrara dela, quando aquela vida frágil saíra do seu ventre, nenhuma magia, nenhuma oferenda, nenhuma negociação com os deuses conseguira salvá-la.

Nessa altura Sorcha percebera que curar os outros era mais fácil do que curar a si mesma. E os deuses eram tão inconstantes como uma rapariga frívola em maio.

— Olhem! Olhem! — Brannaugh, a mais velha, com sete anos, começou a dançar pelo caminho duro, com o enorme galgo atrás de si. — O espinheiro negro está a florescer! É um sinal.

Sorcha viu então os pequenos botões creme no meio do emaranhado de ramos pretos. O seu primeiro pensamento amargo foi que enquanto Brighid, a deusa da fertilidade, abençoava a terra, o seu próprio ventre permanecia vazio.

Viu a menina, o seu primeiro orgulho, de olhar astuto, faces rosadas, rodopiar pela neve. Fora abençoada, lembrou Sorcha a si mesma. Abençoada três vezes.

— É um sinal, mãe. — Com os cabelos escuros a esvoaçarem a cada volta, Brannaugh levantou o rosto em direção à luz enfraquecida. — A primavera está a chegar.

— Sim, é isso. Um bom sinal. — Como havia sido sombrio o dia, já que a velha Cailleach não conseguia encontrar lenha sem o Sol brilhante. A primavera chegaria mais cedo, assim rezava a lenda.

O espinheiro negro desabrochava viçoso, tentando as flores a seguirem o seu exemplo.

Sorcha viu a esperança nos olhos da filha, como vira nos de outros em torno da fogueira; escutara-a nas suas vozes. E procurou dentro de si essa mesma centelha de esperança.

Mas encontrou apenas temor.

Ele apareceria de novo naquela noite; conseguia sentir já a sua presença nas sombras, esperando, conspirando. No interior da cabana, pensou ela, por detrás da porta trancada, com os seus amuletos expostos para proteger os seus filhos. Para se proteger a si mesma.

Emitiu um estalido com a língua para que o pônei apressasse a passada e chamou o cão com um assobio.

— Anda, Brannaugh, a tua irmã já está quase a dormir.

— O pai vem para casa na primavera.

Embora sentisse um aperto no coração, Sorcha sorriu e pegou na mão de Brannaugh. — Sim, ele vem por altura do Beltane e faremos um grande festim.

— Posso vê-lo contigo esta noite? Na fogueira?

— Há muito para fazer. Temos de tratar dos animais antes de irmos para a cama.

— Só por um momento? — Brannaugh inclinou a cabeça para trás, com os olhos cinzentos como fumo numa expressão de súplica. — Só queria vê-lo por um momento para poder sonhar que já está de novo em casa.

Como ela própria, pensou Sorcha, desta vez com um sorriso sincero no rosto. — Apenas por um instante, quando o trabalho estiver concluído.

— E tu tomares o teu remédio.

Sorcha levantou as sobrancelhas. — Verdade? Pareço-te que estou a precisar dele?

— Continuas pálida, mãe — disse Brannaugh em voz baixa.

— Estou apenas um bocadinho cansada e não deves preocupar-te. Segura bem a tua irmã, Eamon! *Alastar* já sente o cheira a casa e é provável que ela caia.

— Ela monta melhor do que o Eamon e do que eu também.

— Sim, o cavalo é o seu talismã, mas ela está praticamente a dormir no seu dorso.

O caminho fez uma curva; os cascos do pônei ressoavam no solo gelado enquanto ele troteava em direção ao alpendre ao lado da cabana.

— Eamon, trata de *Alastar*, dá-lhe uma dose reforçada de comida esta noite. Já encheste a tua barriga, não encheste? — perguntou ela quando o menino começou a resmungar. Ele sorriu-lhe, lindo como uma manha de verão, e embora conseguisse saltar para o chão com a rapidez de um coelho, estendeu os braços para a mãe.

Ele sempre gostara de mimos, pensou Sorcha, abraçando-o enquanto o tirava de cima do cavalo.

Não precisou de dizer a Brannaugh para executar as suas tarefas. A menina cuidava da casa quase tão bem como a mãe. Sorcha pegou em Teagan ao colo, murmurando-lhe palavras tranquilizadoras enquanto a levava para dentro da cabana.

— Está na hora de sonhar, minha querida.

— Sou um pônei e galopo o dia todo.

— Sim, o mais bonito dos pôneis e também o mais rápido.

O fogo, reduzido a brasas após a ausência de longas horas, mal afastava o frio. Quando levava a bebé para o quarto, Sorcha estendeu uma mão em direção à lareira. As chamas reacenderam-se, crepitando sobre as cinzas.

Ela deitou a filha no beliche, alisou-lhe os cabelos — brilhantes como o Sol, tal e qual os do pai — e esperou que os seus olhos, intensos e escuros como os da mãe, se fechassem.

— Bons sonhos... — murmurou ela, tocando no amuleto que pendurara sobre a cama dos filhos. — *Em segurança toda a noite quedarás. Tudo o que és e tudo o que vês proteger-te-ão na escuridão e à luz passarás.*

Beijou a face suave e, quando se endireitava, estremeceu

com a pontada que sentiu no ventre. A dor era passageira, mas intensificava-se no inverno. Seguiria o conselho da filha e prepararia uma poção.

— Brighid, neste teu dia, ajuda-me a sarar. Tenho três filhos que precisam de mim. Não posso deixá-los sós.

Deixou Teagan a dormir e foi ajudar os outros filhos nas suas tarefas.

Quando a noite caiu, demasiado depressa, demasiado cedo, trancou a porta antes de repetir o ritual noturno com Eamon.

— Não estou cansado, nem um bocadinho — afirmou ele com as pálpebras a fecharem-se.

— Oh, estou a ver que não. Vejo que estás bem desperto e cheio de energia. Voas outra vez esta noite, *mhic*?

— Sim, bem alto nos céus. Ensinas-me mais amanhã? Posso ir buscar o *Roibeard* quando amanhecer?

— Sim, ensino e sim, podes. O falcão é teu e tu entende-lo, tu conhece-lo e sente-lo. Agora, descansa. — Remexeu-lhe os cabelos castanhos-escuros e beijou-lhe as pálpebras dos olhos temerários e azuis como os do pai.

Quando desceu do sótão, encontrou Brannaugh já junto da lareira com o cão, que era seu.

A menina resplandecia com saúde, graças à deusa, pensou Sorcha, e com o poder que não controlava ainda, nem compreendia inteiramente. Havia tempo para tal, ela rezava para que ainda houvesse tempo para tal.

— Preparei o chá — disse-lhe Brannaugh. — Tal como me ensinaste. Penso que te sentirás melhor depois de o beberes.

— Então agora és tu que cuidas de mim, *mo chroi*? — A sorrir, Sorcha pegou no chá, cheirou-o e anuiu com a cabeça.

— Tens o dom, sem dúvida. O dom da cura é muito forte. Com ele, serás bem acolhida e necessária, onde quer que vás.

— Não quero ir a lado nenhum. Quero ficar aqui contigo e com o pai, e com o Eamon e a Teagan, sempre.

— Um dia poderás olhar para lá da nossa floresta. E surgirá um homem.

Brannaugh fungou. — Não quero nenhum homem. O que faria eu com um homem?

— Bem, esse é um assunto para outro dia. — Sentou-se com a filha junto do fogo, envolveu ambas no amplo xaile e bebeu o chá. Quando Brannaugh lhe tocou na mão, ela virou-a e entrelaçou-a na da filha.

— Muito bem, mas apenas por um instante. Precisas de ir para a cama.

— Posso ser eu? Posso invocar a visão?

— Vê o que tens, então. Seja feita a tua vontade. Vê-o, Brannaugh, o homem que te gerou. É o amor que o traz.

Sorcha viu o fumo rodopiar, as chamas erguerem-se e depois acalmarem. Muito bem, pensou ela. Estava impressionada. A menina aprendia muito rapidamente.

A imagem tentou formar-se, nos espaços vazios e vales da chama. Um fogo dentro de outro fogo. Silhuetas, movimentos e, por um momento, o murmurar de vozes muito longínquas.

Sorcha viu a intensidade no rosto da filha, o brilho do suor devido ao esforço. Era demasiado, pensou. Era um esforço excessivo para alguém tão jovem.

— Pronto — disse ela em voz baixa. — Agora as duas juntas.

Invocou o seu poder e fundiu-o com o de Brannaugh.

Labaredas rápidas, um vórtice de fumo, faúlhas dançando no ar. Depois nada.

E, de repente, lá estava ele, o homem por quem ambas ansiavam.

Sentado junto a uma outra fogueira, no interior de um círculo de pedras. Os cabelos brilhantes presos numa trança sobre a capa escura que lhe envolvia os ombros largos. O *dealg* do seu posto preso no tecido cintilava à luz das chamas.

O broche que ela lhe forjara com fogo e magia; o cão, o cavalo e o falcão.

— Ele parece cansado — disse Brannaugh e encostou a cabeça ao braço da mãe. — Mas é tão bonito. O mais bonito dos homens.

— É verdade. Bonito, forte e corajoso. — E, oh... quanto o desejava.

— Consegues ver quando é que ele volta para casa?

— Nem tudo é possível ver. Pode ser que, quando estiver mais perto, eu receba um sinal. Mas, esta noite, vemos que está são e salvo e isso basta.

— Ele está a pensar em ti. — Brannaugh levantou a cabeça e olhou para o rosto da mãe. — Sinto-o. Ele consegue sentir-nos a pensar nele?

— Ele não tem o dom, mas tem coração e muito amor. Por isso, talvez consiga. Agora, para a cama. Eu subo daqui a pouco.

— O espinheiro negro está a florescer e a bruxa velha não viu o Sol hoje. Já falta pouco para ele voltar para casa. — Brannaugh levantou-se e beijou a mãe. O cão subiu a escada atrás dela.

Sozinha, Sorcha observou o seu amor no fogo. E, sozinha, chorou.

Quando secava as lágrimas, ouviu-o. O chamamento.

Ele confortá-la-ia, aquecê-la-ia... assim eram as suas mentiras sedutoras. Dar-lhe-ia tudo o que ela desejava e mais ainda. Ela tinha apenas de se entregar a ele.

— Nunca serei tua.

Serás. És. Vem agora e conhecerás todos os prazeres, toda a glória. Todo o poder.

— Nunca me terás, nem o que albergos dentro de mim.

A imagem no fogo transformou-se e ele surgiu no meio das chamas. Cabhan, cujo poder e propósito eram mais negros que a noite invernal. Que a desejava; o seu corpo, a sua alma, a sua magia.

O feiticeiro desejava-a; Sorcha sentia a sua cobiça como mãos suadas sobre a sua pele. Mas mais, muito mais do que isso, ela sabia que ele cobiçava o seu dom. A sua avidez pairava densamente no ar.

Ele sorriu nas chamas, tão bonito, tão cruel.

Serás minha, Sorcha das Trevas. Tu e tudo o que és. Estamos destinados um ao outro. Somos iguais.

Não, pensou ela, *não somos iguais*; mas como o dia e a noite, a luz e a escuridão, em que a única união surge em sombras.

Estás sozinha e carregas um enorme fardo. O teu homem deixa-te a cama fria. Vem aquecer-te na minha; sente o calor. Produz esse calor comigo. Juntos podemos governar o mundo.

De espírito vergado, o desejo e a pontada que sentia dentro dela raiavam a dor.

Sorcha levantou-se então e deixou o vento quente soprar-lhe os cabelos. Deixou o poder invadi-la até toda ela resplandecer. E viu, no meio das chamas, o desejo e a avidez no rosto de Cabhan.

Ali estava o que ele queria: o poder que lhe corria nas veias. E que ele nunca teria.

— *Sentes o meu poder e lêes a minha mente, outrora, agora e sempre. Ofereces-me o teu sinistro desejo, vindo a mim em fumo e fogo. Desejas que traia o meu sangue, os meus filhos, o meu homem; para governar, apenas a tua mão tenho de tomar.*

E a minha resposta vem pelo vento e pelo mar. Ergam-se a mulher, a mãe e a bruxa numa trindade, de acordo com a minha vontade. Que assim seja e assim se faça.

Sorcha esticou os braços e lançou a fúria, inteiramente feminina, num redemoinho, em direção ao coração dele.

Um instante de puro prazer selvagem eclodiu dentro dela quando ouviu o grito de raiva e dor, quando viu essa raiva e dor explodirem no rosto dele, contra as chamas.

Subitamente, o fogo era apenas fogo que ardia lentamente na noite, oferecendo algum calor contra o frio penetrante. A sua cabana era apenas uma cabana tranquila e pouco iluminada. E ela era apenas uma mulher sozinha, com os seus filhos adormecidos.

Sorcha deixou-se cair na cadeira, abraçada ao ventre devido à dor dilacerante.

Cabhan havia partido, por ora. Mas o medo que sentia dele permanecia, e se nenhuma poção ou reza conseguisse sarar-lhe o corpo, os seus filhos ficariam órfãos.

Indefesos.

Sorcha acordou com a filha mais nova aconchegada contra si e sentiu-se consolada para se levantar e começar o dia.

— Mãe, mãe, fica.

— Ora, meu raio de Sol, tenho de trabalhar. E tu devias estar na tua cama.

— O homem mau apareceu. Ele matou os meus pôneis.

O pânico cerrou um punho em torno do coração de Sorcha. Cabhan tocando os seus filhos? Os seus corpos, as suas mentes, as suas almas? O medo e a raiva que sentia eram indescritíveis.

— Foi só um sonho, minha pequenina. — Abraçou-se a Teagan, embalando-a e tranquilizando-a. — Só um sonho.

Mas os sonhos tinham poderes e riscos.

— Os meus pôneis gritaram e eu não consegui salvá-los. Ele pegou-lhes fogo e eles gritaram. O *Alastar* apareceu e derubou o homem mau. Eu fugi no *Alastar*, mas não consegui salvar os pôneis. Tenho medo do homem mau do sonho.

— Ele não te fará mal. Nunca deixarei que ele te faça mal. São só pôneis de sonho. — De olhos bem cerrados, beijou os cabelos brilhantes e desgrenhados de Teagan e depois as suas faces. — Sonharemos com mais. Verdes e azuis.

— Pôneis verdes!

— Sim, verdes como as colinas. — Aconchegando-se à filha, Sorcha levantou uma mão e girou o dedo até pôneis azuis, verdes, vermelhos e amarelos começarem a dançar no ar, acima das suas cabeças. Ao ouvir o riso da filha mais nova, Sorcha arrumou os seus medos, a sua raiva; fechou-os com determinação.

Ele nunca faria mal aos seus filhos. Preferia matá-lo, e morrer junto com ele, a permitir tal coisa.

— Todos os pôneis vão agora comer a sua aveia. E tu vem também comigo para tomarmos o pequeno-almoço.

— Há mel?

— Sim. — O simples desejo de um doce pôs um sorriso nos lábios de Sorcha. — Haverá mel para as meninas bem-comportadas.

— Eu sou!

— Tu és o mais puro e meigo dos corações.

Sorcha pegou em Teagan ao colo e a menina segurou-se com firmeza e segredou-lhe ao ouvido: — O homem mau disse que me levava primeiro, porque sou a mais nova e a mais fraca.

— Ele nunca te levará. Juro-te pela minha vida. — Recuou ligeiramente a filha para que Teagan pudesse ver a verdade

nos seus olhos. — Juro-te. E, minha querida, tu não és fraca nem nunca serás.

Sorcha avivou o fogo, verteu mel no pão e preparou o chá e as papas de aveia. Precisariam todos de força para o que ela faria naquele dia. O que precisava de fazer.

O filho desceu do sótão, ainda com os cabelos desgrenhados e emaranhados. Esfregou os olhos e farejou o ar como um cão de caça. — Lutei contra o feiticeiro negro. Não fugi.

No interior do peito de Sorcha, o coração disparou. — Sonhaste. Conta-me.

— Eu estava no cotovelo do rio, onde temos o nosso barco, e ele apareceu e eu percebi que era um feiticeiro negro porque o seu coração era negro.

— O seu coração.

— Conseguia ver o interior do seu coração, embora ele sorrisse com simpatia e me oferecesse uma espécie de bolo de mel. «Toma, rapaz», disse ele, «tenho aqui uma coisa muito boa para ti». Mas o bolo estava cheio de vermes e sangue negro por dentro. Percebi que estava envenenado.

— Viste o interior do coração dele e o interior do bolo, no sonho.

— Vi, sim. Juro.

— Acredito em ti. — Então o dom do seu homenzinho era maior do que imaginara.

— Eu disse-lhe, «Come tu o bolo, pois é a morte que trazes na mão». Mas ele atirou-o para o chão e os vermes rastejaram para fora e transformaram-se em cinza. Então o *Roibeard* apareceu.

— Chamaste o falcão no sonho?

— Desejei que ele aparecesse e ele apareceu, de repente, com as garras para a frente. O feiticeiro negro desapareceu como fumo ao vento. E eu acordei na minha cama.

Sorcha puxou o filho para junto de si e afagou-lhe os cabelos.

Libertara toda a sua fúria sobre Cabhan e ele fora atrás dos seus filhos.

— És corajoso e verdadeiro, Eamon. Agora, toma o pequeno-almoço. Temos de ir tratar do gado.

Sorcha aproximou-se de Brannaugh, que estava aos pés da escada. — E tu também.

— Ele entrou no meu sonho. Ele disse que me faria sua noiva. Ele... tentou tocar-me. Aqui. — Pálida de vergonha, colocou as mãos sobre o peito. — E aqui. — Depois entre as pernas.

A tremer, encostou o rosto ao da mãe quando Sorcha a abraçou. — Eu queimei-o. Não sei como, mas queimei-lhe os dedos. Ele amaldiçoou-me e cerrou os punhos. O *Kathel* apareceu e saltou para cima da cama a rosnar. Então o homem desapareceu. Mas ele tentou tocar-me e disse que me faria sua noiva, mas...

A raiva de Sorcha irrompeu dentro do medo. — Ele nunca o fará. Juro. Nunca porá as mãos em cima de ti. Agora come tudo. Há muito para fazer.

Mandou os filhos darem de comer e de beber aos animais, limparem os estábulos e ordenharem a vaca gorda.

Já sozinha, preparou-se e reuniu as suas ferramentas. A tigela, as sinetas, as velas, a adaga sagrada e o caldeirão. Selecionou as ervas que cultivara e secara. E as três pulseiras de cobre que Daithi lhe comprara há muito numa feira de verão.

Saiu de casa, inspirou profundamente o ar e levantou os braços para agitar o vento. E chamou o falcão.

A ave surgiu com um grito que ecoou sobre as árvores e os montes mais além, fazendo com que os criados do castelo

junto ao rio erguessem os olhos em direção ao céu. As suas asas, abertas em toda a amplitude, refletiam o brilho do Sol de inverno. Sorcha ergueu o braço para que as terríveis garras agarrassem a sua luva de cabedal.

Fixou então os olhos nos do falcão e este os dela.

— *Rápido e astuto, forte e destemido. És de Eamon, mas também meu. Servirás os meus descendentes. Os meus descendentes servirão os teus. Preciso de ti e peço isto pelo meu filho, teu dono e servo.*

Mostrou-lhe a adaga e os olhos do falcão nem titubearam.

— Roibeard, *do teu peito três gotas de sangue peço, da tua asa uma só pena e por estas dádivas te louvo. Para proteger o meu filho, assim faço.* — Deu-lhe uma alfinetada e colheu as três gotas para dentro de um pequeno frasco. Arrancou-lhe uma pena. — Obrigada — sussurrou. — Não te afastes muito.

O falcão levantou voo, mas logo pousou num ramo de uma árvore. Fechou as asas e ficou a observar.

Sorcha assobiou para chamar o cão. *Kathel* contemplou-a com amor, com confiança. — *És de Brannaugh, mas também meu...* — começou ela, e repetiu o ritual, colhendo as três gotas de sangue e um pedaço de pelo do flanco.

Por fim, dirigiu-se para o alpendre, onde os filhos riam enquanto trabalhavam. Tirou daí forças e acariciou o focinho do pónei.

Ao ver a adaga, Teagan correu ao seu encontro. — Não!

— Não lhe farei mal. Ele é teu, mas também meu. Ele servirá os meus descendentes, e os teus, assim como tu servirás os dele. Preciso de ti, *Alastar*, e peço isto pela minha filha, tua dona e serva.

— Não o cortes, por favor!

— É só uma picada, um pequeno arranhão, e apenas se ele consentir. *Alastar, do teu peito três gotas de sangue peço,*

da tua bonita crina um pouco de cabelo e por estas dádivas te louvo. Para proteger a minha pequenina, assim faço.

»Apenas três gotas — disse Sorcha em voz baixa enquanto espetava o pônei com a ponta da adaga. — Apenas um bocadinho da sua crina. Pronto. — Embora *Alastar* permanecesse em silêncio, os olhos serenos e calmos, Sorcha pousou as mãos sobre o pequeno corte superficial e usou da magia para sarar a ferida. Para o bem do coração sensível da sua filha.

»Venham agora todos comigo. — Apoiou Teagan sobre a anca e conduziu-os para dentro de casa. — Sabem o que sou. Nunca o escondi. Sabem também que cada um de vós é possuidor do dom. Sempre vos disse. A vossa magia é jovem e inocente. Um dia será potente e eficaz. Devem honrá-la. Não devem usá-la para fazer o mal, pois o mal que fizerem cairá sobre vós a triplicar. A magia é uma arma, sim, mas não para ser usada contra os inofensivos, os fracos, os inocentes. É um dom e um fardo, e todos vós carregarão ambos. E passá-los-ão aos vossos descendentes. Hoje aprenderão mais. Prestem atenção ao que faço. Observem, escutem, aprendam.

Aproximou-se primeiro de Brannaugh. — *O teu sangue e o meu, com o sangue do cão. Sangue é vida. Três gotas tuas, três gotas minhas e, com as do cão, o feitiço está feito.*

Brannaugh colocou, sem hesitação, a mão sobre a da mãe e manteve-a imóvel enquanto Sorcha a espetava com a adaga.

— O meu menino — disse ela a Eamon. — *Três gotas tuas, três gotas minhas e três do coração do falcão, para selar três partes.*

Embora os lábios lhe tremessem, Eamon estendeu a mão.

— E a minha pequenina. Não tenhas medo.

Embora os olhos estivessem cheios de lágrimas, Teagan olhou solenemente para a mãe enquanto estendia a mão.

— *Três gotas tuas, três gotas minhas e, com o cavalo como*

teu guia, a magia está feita. — Misturou os sangues e beijou a pequena mão de Teagan. — Pronto. Já está.

Pegou no caldeirão e meteu os frascos na bolsa que trazia à cintura. — Tragam o resto. É melhor fazer isto lá fora.

Escolheu o sítio, no solo duro com neve amontoada nas sombras frias das árvores.

— Temos de ir buscar lenha? — perguntou-lhe Eamon.

— Para isto, não. Juntem-se aqui. — Afastou-se dos filhos, invocou a deusa, a terra, o vento, a água e o fogo. E desenhou o círculo. Brotou do solo uma chama baixa que avançou numa linha curva até uma extremidade encontrar o ponto de partida e formar a circunferência. No seu interior, a temperatura era primaveril. — *Isto é proteção e respeito. Aqui dentro o mal não pode entrar, a escuridão não consegue derrotar a luz. E o que é feito dentro do círculo é feito por bem, é feito por amor.*

»Primeiro a água, do mar, do céu. — Uniu as mãos em concha, abriu-as sobre o caldeirão e do seu interior brotou água azul como um lago beijado pelo sol. — *E a terra, a nossa terra, os nossos corações.* — Virou uma mão, depois a outra e deitou terra castanha-escura para dentro do caldeirão. — *E o ar, canto do vento, sopro do corpo.* — Abriu os braços e soprou. E, como música, o ar entrou e misturou-se com a terra e com a água. — *Agora o fogo, chama e calor, o início e o fim.* — Sorcha começou a brilhar, o ar em seu redor incandescente, os olhos de um azul ardente. Ergueu os braços e virou as mãos para baixo, lançando chamas para o interior do caldeirão.

»Estas foram oferta do vosso pai. São símbolo do seu amor, e do meu. Vocês os três são fruto desse amor. — Lançou as três pulseiras de cobre para o meio das chamas. Depois, rodeando o caldeirão, acrescentou pelo, cabelo e pena e, por fim, o sangue.

— *A deusa o poder me facultou e agora aqui estou. O*

feitiço lanço já: protege do mal os meus três filhos e o que deles e de mim virá. O cavalo, o falcão e o cão, pelo sangue eternamente obrigados a proteger e a servir estão; vida após vida, na alegria, na tristeza, na saúde e na contrariedade; na terra, no ar, no fogo e no mar. De acordo com a minha vontade, que assim seja e assim se faça.

Sorcha levantou os braços e virou o rosto para o céu.

O fogo elevou-se numa coluna vermelha e dourada, de um intenso azul no seu âmago, que rodopiava em espiral em direção ao frio céu invernal.

A terra tremeu. A água gelada do ribeiro começou a bramar. E o vento uivava como um lobo à caça.

Subitamente tudo se aquietou, parou, restando apenas três crianças de mãos dadas a observarem a mãe — agora pálida como neve — a oscilar.

Sorcha sacudiu a cabeça quando Brannaugh avançou em seu auxílio. — Ainda não. A magia está em curso. Ela dá e tira. Tem se ser concluída. — Enfiou a mão no caldeirão para tirar três amuletos em cobre. — Para Brannaugh, o cão; para Eamon, o falcão; para Teagan, o cavalo. — Pendurou cada amuleto ao pescoço do respectivo filho. — Estes são os vossos símbolos e os vossos escudos. Protegem-vos. Devem andar sempre convosco. Sempre. Ele não poderá tocar-vos se tiverem o escudo, se acreditarem que o mesmo é poder, se acreditarem no meu e no vosso. Um dia passá-lo-ão a um descendente. Depois saberão qual. Contarão a história aos vossos filhos e entoarão os cânticos antigos. Aceitarão o dom e transmitirão esse dom.

Teagan admirava o seu amuleto e sorriu quando virou o pequeno oval sob o sol. — É bonito. Parece o *Alastar*.

— Vem dele, de ti, de mim e do teu pai, do teu irmão e da tua irmã. Porque não seria bonito? — Baixou-se para beijar a

face de Teagan. — Tenho uns filhos tão bonitos. — Mal conseguia suste-se de pé e teve de conter um gemido quando Brannaugh a ajudou a levantar-se. — Tenho de fechar o círculo. Agora temos de levar tudo lá para dentro.

— Nós ajudamos-te — disse Eamon, segurando na mão da mãe.

Com os filhos, Sorcha fechou o círculo e deixou-os levar as ferramentas para dentro de casa.

— Precisas de descansar, senta-te à lareira. — Brannaugh puxou a mãe até à cadeira. — Vou preparar-te uma poção.

— Sim, uma bem forte. Mostra ao teu irmão e à tua irmã como se faz.

Sorcha sorriu quando Teagan lhe colocou um xaile em torno dos ombros e Eamon lhe depositou uma manta sobre o colo. Mas quando ia pegar na chávena que Brannaugh lhe preparara, a filha recuou e espremeu o corte que a mãe lhe fizera na mão até caírem três gotas de sangue para dentro da poção.

— Sangue é vida.

Sorcha suspirou. — Sim, é. Obrigada.

Bebeu a poção e adormeceu.



Durante duas semanas, ela esteve forte, manteve o seu poder. Cabhan atacou-o, frontal e sub-repticiamente, mas ela conseguiu mantê-lo afastado.

O espinheiro negro floresceu, bem como as campainhas brancas, e a luz era já mais primaveril do que invernal.

Todas as noites, Sorcha observava Daithi no fogo. Quando podia, falava com ele, aventurava-se a enviar-lhe o seu espírito para poder trazer o seu cheiro, a voz, o toque... e para deixar os seus com ele.

Para assim fortalecer ambos.

Não lhe falava de Cabhan. A magia era o seu mundo. A espada, o punho, ou mesmo o coração de guerreiro do marido, nunca seriam capazes de derrotar alguém como Cabhan. Era seu dever defender a cabana, que já lhe pertencia antes de ter casado com Daithi. Era seu dever proteger os filhos que haviam concebido.

E ela contava os dias que faltavam para o Beltane, para o dia em que o veria chegar de novo a casa.

Os filhos cresciam e aprendiam. Uma voz dentro da sua cabeça impelia-a a ensinar-lhes tudo o que podia, o mais rapidamente possível. Ela não a questionava.

Durante a noite, Sorcha passava horas à luz das velas de sebo e do lume da lareira a escrever os seus feitiços, as suas receitas, inclusivamente os seus pensamentos. E quando ouvia o uivo de um lobo, ou o silvo do vento, ignorava-os.

Foi, por duas vezes, chamada ao castelo para executar curas e levou os filhos para que pudessem brincar com as outras crianças, mantendo-os assim por perto, e para verem o respeito que era concedido à Bruxa das Trevas.

Pois o nome e todo o seu significado seriam o seu legado.

Mas sempre que regressavam a casa, ela precisava de uma poção para restabelecer as forças que se esgotavam com a magia da cura que dispensava aos que dela necessitavam.

Embora ansiasse pelo seu homem, e pela saúde que receava nunca mais recuperar na totalidade, ensinava diariamente o seu dom aos filhos. Mantinha-se na retaguarda quando Eamon chamava *Roibeard*, agora mais do filho do que seu, como devia ser. Observava com orgulho a filha mais nova montar *Alastar*, com a determinação de um guerreiro. E sabia, simultaneamente com orgulho e tristeza, que Brannaugh e o seu fiel *Kathel* patrulhavam muitas vezes a floresta.

O dom estava presente, mas a infância também. Assegurava-se de que houvesse sempre música e jogos, fazendo questão de preservar o mais possível a inocência dos filhos.

Por vezes recebiam visitantes, que iam em busca de amuletos, de unguentos, que procuravam respostas na esperança de alcançar o amor, ou a fortuna. Sorcha ajudava os que podia e aceitava as suas ofertas. E observava constantemente a

estrada, embora soubesse que faltavam ainda semanas para o regresso do seu amado.

Num dia de brisa suave, em que o céu estava mais azul que cinzento, levou os filhos num passeio pelo rio, no pequeno barco que o pai havia construído.

— Dizem que as bruxas não conseguem deslocar-se sobre a água — afirmou Eamon.

— Dizem isso? — Sorcha riu-se e levantou o rosto ao encontro da brisa. — Mas aqui estamos nós a navegar.

— Foi o Donal, do castelo, que disse.

— O facto de ele o dizer, ou de acreditar nisso, não quer dizer que seja verdade.

— O Eamon fez uma rã voar para o Donal ver. Isso é gabarolice.

Eamon olhou furioso para a irmã mais nova e teria acrescentado uma cotovelada ou um beliscão se a mãe não estivesse a ver.

— Rãs voadoras pode ser divertido, mas não é sensato gastarmos a nossa magia com diversões.

— Estava a praticar.

— Podes praticar apanhando algum peixe para o nosso jantar. Não é assim — disse Sorcha quando o filho ergueu as mãos sobre a água. — A magia não é resposta para tudo. Uma pessoa também tem de saber desenrascar-se sem ela. Um dom não deve nunca ser desperdiçado naquilo que somos capazes de fazer com a nossa inteligência, com as mãos, ou as costas.

— Gosto de pescar.

— Eu, não — resmungou Brannaugh enquanto o pequeno barco subia o rio. — Temos de estar muito tempo sentados à espera. Eu prefiro caçar. Temos a floresta e podíamos ter coelho para o jantar.

— Amanhã é um dia tão bom para isso como hoje. Esta

noite teremos peixe, se o teu irmão tiver sorte e habilidade. E, quem sabe, uma tarte de batata.

Aborrecida, Brannaugh entregou a linha à irmã e dirigiu o olhar para o castelo, com as suas enormes paredes de pedra.

— Não gostavas de viver ali, mãe? Ouvi as mulheres a conversar. Diziam que seríamos todos bem-vindos.

— Temos a nossa casa, e embora outrora não passasse de uma palhota, está de pé há mais tempo do que aquelas paredes. Já estava na época em que os O'Connor governavam, antes da Casa de Burke. Os reis e as princesas vêm e vão, *m'inion*, mas a nossa casa mantém-se.

— Gosto do aspeto, tão majestoso e grande, mas gosto mais da nossa floresta. — Encostou por instantes a cabeça ao braço da mãe. — Os Burke podiam ter-nos tirado a casa?

— Podiam ter tentado, mas eram sensatos e respeitaram a magia. Não temos qualquer querela com eles, nem eles connosco.

— Se tivessem tirado, o pai teria lutado com eles. E eu também. — Olhou para a mãe. — A Dervla, do castelo, disse-me que o Cabhan foi expulso.

— Tu já sabias isso.

— Sim, mas ela disse que ele volta para se deitar com as mulheres. Sussurra-lhes ao ouvido e elas pensam que se trata do marido. Mas, de manhã, percebem que foram enganadas. E choram. Ela disse que deste às mulheres amuletos para o manterem afastado, mas... ele conseguiu atrair uma das criadas da cozinha para o lodaçal. Ninguém consegue encontrá-la.

Sorcha soubera disso, e também sabia que a criada nunca seria encontrada. — Ele brinca com elas e alimenta-se dos fracos. O poder dele é negro e frio. A luz e o fogo derrotá-lo-ão sempre.

— Mas ele volta. Ele arranha as janelas e as portas.

— Ele não consegue entrar. — Mas Sorcha sentiu um calafrio.

Nesse momento, Eamon soltou um grito e, quando puxou a sua linha, um peixe prateado cintilou ao sol.

— Sorte e habilidade — disse Sorcha com uma gargalhada enquanto segurava na rede.

— Quero apanhar um. — Teagan inclinou-se com entusiasmo sobre a água, como que em busca de um peixe provável.

— Esperemos que sim, já que vamos precisar de mais do que um, apesar de este ser um belo peixe. Bom trabalho, Eamon.

Apanharam mais três e ainda que ela tenha ajudado um pouco a mais pequenina, a magia foi o amor.

Remou o barco de volta ao sabor de um sol esplendoroso, de uma brisa suave e das vozes das crianças.

Um belo dia, pensou, e a primavera estava tão próxima que era capaz de lhe sentir o sabor.

— Vai depressa para casa para amanhar esses peixes, Eamon. Tu podes começar a descascar as batatas, Brannaugh, enquanto eu trato do barco.

— Eu fico contigo. — Teagan enfiou a mãozinha dentro da mãe. — Posso ajudar.

— Pois podes, já que precisaremos de ir buscar água ao ribeiro.

— Os peixes gostam de ser apanhados e comidos?

— Não posso dizer que gostem, mas é para isso que existem.

— Porquê?

E «porquê» fora a primeira palavra de Teagan, pensou Sorcha enquanto amarrava o barco. — O poder superior

colocou os peixes na água e deu-nos a inteligência para fazer as redes e as linhas, não foi?

— Mas devem gostar mais de nadar do que do fogo.

— Calculo que sim. Por isso devemos ter isso em mente e agradecermos quando comemos.

— E se não os apanhássemos, nem os comêssemos?

— Passaríamos fome muitas vezes.

— Eles falam debaixo de água?

— Bem, eu nunca tive uma conversa com um peixe. Vem cá. — Sorcha fechou a capa de Teagan. — Está a arrefecer. — Levantou os olhos e viu as nuvens começarem a cobrir o Sol. — Esta noite devemos ter tempestade. É melhor voltarmos para casa.

Quando se endireitou, a névoa aproximou-se. Cinzenta e suja, deslizando como uma serpente sobre o solo e encobrindo o brilho do dia.

Não era uma tempestade que se aproximava, constatou Sorcha. A ameaça chegara.

Empurrou Teagan para trás das suas costas no momento em que Cabhan emergiu da névoa.

O feiticeiro vestia-se de negro salpicado de prata, como estrelas num céu noturno. O cabelo tombava em ondas sobre os ombros, uma moldura de ébano para o rosto duro e belo. Os olhos, sombrios como um coração cigano, continham poder e prazer quando os fixou em Sorcha.

Ela sentiu-os, como mãos audazes, na sua pele.

Em volta do pescoço, ele usava um pendente de prata em forma de sol com uma grande joia — um olho vermelho cintilante — no centro. Era novidade, pensou ela, sentindo o seu poder negro.

— Minha senhora — disse ele, fazendo uma vénia.

— Não és bem-vindo aqui.

— Eu vou aonde quero. E o que vejo eu? Uma mulher e a sua bonita filha, sozinhas. Um deleite para salteadores e lobos. Não tens nenhum homem que te proteja, Sorcha das Trevas. Acompanho-te a casa.

— Eu protejo-me. Vai-te embora, Cabhan. Aqui desperdiças o teu tempo e poder. Nunca me submeterei a alguém como tu.

— Submeter-te-ás, sim. O teu destino é unires-te a mim. Vi-o na bola de cristal.

— Tu vêes mentiras e desejos, não verdade e destino.

Ele limitou-se a sorrir e, como a sua voz, o sorriso era sedutor. — Juntos dominaremos esta terra e todas as que quisermos. Usarás belos trajes de cores vivas e cobrirás a pele de joias.

O feiticeiro moveu as mãos em círculos. Teagan susteve a respiração quando viu a mãe vestida com os trajes vermelhos da realeza, envergando joias cintilantes e uma coroa dourada cravada de pedras.

Com a mesma rapidez, Sorcha girou um pulso e voltou a envergar somente o seu simples manto preto. — Não preciso, nem quero as tuas cores e o teu brilho. Deixa-me, e aos meus, em paz, ou sentirás a minha ira.

Mas ele riu-se, soltando terríveis gargalhadas de prazer. — Será de admirar, meu coração, que eu não queira ninguém além de ti? O teu fogo, a tua beleza e o teu poder estão destinados a ser meus.

— Sou mulher de Daithi e sempre serei.

Com um grunhido de repulsa, Cabhan estalou os dedos. — Daithi gosta mais dos seus ataques, dos seus jogos, das suas insignificantes guerrinhas do que de ti ou das crias que lhe deste. Quantas vezes cresceu e minguou a Lua desde a última vez que ele partilhou a tua cama? Passas as noites com

frio, Sorcha. Eu sinto-o. Vou mostrar-te prazeres que nunca conheceste. Farei de ti mais do que és. Farei de ti uma deusa.

O medo tentava deslizar para dentro de si como a névoa deslizava sobre o chão. — Prefiro matar-me a deitar-me contigo. Tu queres apenas mais poder.

— E tu és uma tola por não queres o mesmo. Juntos esmagaremos todos os que estiverem contra nós, viveremos como deuses, seremos como deuses. E em troca dar-te-ei o que o teu coração mais deseja.

— Tu não conheces o meu coração.

— Um bebé no teu ventre, para substituir o que perdeste. Meu filho, nascido de ti. Mais poderoso do que alguém já foi, ou será.

A dor da perda assaltou-a, bem como um medo terrível da minúscula semente de desejo que brotava nela pelo que ele oferecia. Uma vida crescendo dentro de si, forte e verdadeira.

Sentindo esse medo, Cabhan aproximou-se. — Um filho — murmurou ele. — Vida no teu ventre. Prosperando, nascendo forte e glorioso, como nenhum outro. Dá-me a mão, Sorcha, e eu realizarei o desejo do teu coração.

Ela tremeu por um instante, um instante apenas, desejando ardentemente essa vida dentro de si.

E enquanto tremia, Teagan saltou de trás dela. Atirou uma pedra e acertou em Cabhan na têmpora. Um fino fio de sangue, vermelho muito escuro, deslizou-lhe pela pele clara.

De olhar fulminante, ele lançou-se para a frente, mas, antes que pudesse atingir Teagan, Sorcha repeliu-o com a simples força da vontade. Depois pegou em Teagan ao colo.

Uma ventania forte girava agora em torno dela, fruto da sua própria fúria. — Mato-te um milhar de vezes, faço-te sofrer dez mil anos, se tocares na minha filha. Juro-te.

— Estás a ameaçar-me? Tu e a tua fedelha? — Fixou os

olhos no rosto de Teagan e esboçou um sorriso malévolos. — Que fedelha tão bonita. Resplandecente como um peixe dentro de água. Deverei apanhar-te e comer-te?

Embora agarrada com força à mãe, embora tremesse, Teagan não se acobardou. — Vai-te embora!

Com a fúria e o medo, o seu jovem e inexperiente poder libertou-se e atingiu-o com a mesma violência da pedra. Cabhan sangrava agora da boca e o seu sorriso transformou-se num esgar.

— Primeiro, tu, depois o teu irmão. A tua irmã... embora tenha de amadurecer primeiro um pouco, pois também ela me dará filhos. — Com a ponta de um dedo, espalhou o sangue no rosto e desenhou uma cruz sobre o amuleto. — Tê-los-ia poupado por ti — disse para Sorcha. — Agora assistirás às suas mortes.

Sorcha encostou os lábios ao ouvido de Teagan. — Ele não pode fazer-te mal — sussurrou-lhe, vendo depois horrorizada a transformação de Cabhan.

O corpo do feiticeiro começou a contorcer-se como a névoa. O amuleto começou a brilhar e a gema girou até os olhos dele faiscarem tão vermelhos como a pedra.

O seu corpo ficou coberto de pelo preto. Dos seus dedos nasceram garras. E quando parecia derramar-se sobre o chão, levantou a cabeça e uivou.

Lenta e cuidadosamente, Sorcha pousou novamente Teagan atrás de si. — Ele não pode fazer-te mal — disse ela, rezando para que fosse verdade, para que a magia que imbuíra no símbolo de cobre conseguisse resistir àquela criatura.

Pois certamente ele trocara a alma por aquela magia negra.

O lobo arreganhou os dentes e saltou.

Ela empurrou-o, estendendo as mãos, evocando o seu

poder e lançando-o das palmas sob a forma de pura luz branca. Quando esta atingiu o lobo, ele gritou quase como um homem. Mas a criatura não desistiu e lançou-se novamente sobre Sorcha, abrindo e cerrando a mandíbula, o olhar selvagem e horrivelmente humano.

As garras apanharam as saias de Sorcha e rasgaram-nas. Então foi o grito de Teagan que golpeou o ar.

— Vai-te embora! Vai-te embora! — A menina atacava o lobo com pedras que se transformavam em bolas de fogo quando atingiam o alvo, fazendo com que a névoa cheirasse a carne e pelos queimados.

O lobo lançou-se uma vez mais, uivando ainda. Teagan tombou para trás quando Sorcha o atingiu. A capa da menina abriu-se. Do símbolo de cobre que usava irrompeu uma chama azul, fina e aguçada como uma flecha, que atingiu o dorso do lobo deixando uma marca em forma de pentagrama.

Com um grito de dor, o lobo voou para trás. Enquanto mexia as patas no ar, Sorcha reuniu tudo o que tinha e arremessou a sua luz, a sua esperança e o seu poder.

Tudo em redor embranqueceu, ofuscando-a. Desesperada, procurou às cegas a mão de Teagan enquanto caía de joelhos.

A névoa desapareceu. Tudo o que restava do lobo era terra queimada com a forma da sua silhueta.

A chorar, Teagan agarrou-se à mãe, procurando a sua proteção; era agora apenas uma criança com medo de monstros demasiado reais.

— Pronto, já passou. Estás em segurança. Precisamos de voltar para casa. Precisamos de estar em casa, minha pequenina.

Mas nem sequer tinha forças para se levantar. Só lhe apetecia chorar por ter chegado a tal estado. Outrora teria sido capaz de evocar o poder para voar pela floresta com a filha

nos braços. Agora os membros tremiam-lhe, custava-lhe respirar e o coração batia tão depressa e com tanta força que lhe latejava nas têmporas.

Se Cabhan conseguisse recuperar e regressasse...

— Corre para casa. Sabes o caminho. Corre para casa. Eu vou já.

— Fico contigo.

— Teagan, faz o que te digo.

— Não. Não. — Esfregando os olhos com os nós dos dedos, Teagan abanou teimosamente a cabeça. — Tens de vir. Tens de vir.

Cerrando os dentes, Sorcha conseguiu pôr-se de pé. Mas depois de dar dois passos, caiu novamente de joelhos. — Não consigo, minha pequenina. As minhas pernas não me conseguem levar.

— O *Alastar* consegue. Vou chamá-lo e ele leva-nos para casa.

— Consegues chamá-lo de tão longe?

— Ele virá muito depressa.

Teagan levantou-se e ergueu os braços.

— Alastar, Alastar, *livre e audaz, escuta o meu apelo e vem até mim. Corre rápido e veloz ao encontro da minha voz.*

Teagan mordeu o lábio e virou-se para a mãe. — A Brannaugh ajudou-me com as palavras. São boas?

— São muito boas. — Ingénuas, pensou Sorcha. Simples e puras. — Repete-as mais duas vezes. O número três torna a magia mais forte.

Teagan obedeceu e depois voltou atrás para afagar os cabelos da mãe. — Ficarás boa outra vez, quando chegarmos a casa. A Brannaugh faz-te um chá.

— Sim, ela fará isso. Quando chegar a casa, ficarei bem outra vez. — Sorcha pensou que era a primeira vez que mentia

à filha. — Procura-me um pau grande e forte. Acho que poderei apoiar-me nele e caminhar um pouco.

— O *Alastar* vem aí.

Embora tivesse as suas dúvidas, Sorcha anuiu com a cabeça. — Encontramo-lo no caminho. Vai procurar um pau resistente, Teagan. Temos de chegar a casa antes de escurecer.

Quando Teagan se levantava, ouviram o som dos cascos.

— Ele vem lá! *Alastar*! Estamos aqui! Estamos aqui!

Ela chamara o seu guia, pensou Sorcha, e uma intensa pontada de orgulho quebrou-lhe a fadiga. Enquanto Teagan corria ao encontro do seu cavalo, Sorcha reuniu forças uma vez mais e levantou-se dolorosamente.

— Aqui estás, um príncipe entre os cavalos. — Grata, Sorcha encostou o rosto a *Alastar* enquanto este a acariciava com o focinho. — Podes ajudar-me a montar? — perguntou ela a Teagan.

— Ele ajuda. Ensinei-lhe um truque. Estava a guardá-lo para quando o pai voltasse a casa. Ajoelhar, *Alastar*! Ajoelhar. — Enquanto soltava risadinhas, Teagan fazia movimentos descendentes com a mão.

O cavalo baixou a cabeça, dobrou as patas dianteiras e ajoelhou-se.

— Oh, a minha menina é tão esperta!

— É um bom truque?

— Um ótimo truque. Sem dúvida. — Sorcha agarrou-se à crina e içou-se para cima do cavalo. Ágil como um grilo, Teagan saltou para a frente da mãe.

— Agarra-te a mim, mãe! O *Alastar* e eu levamos-te a casa.

Sorcha agarrou-se à cintura da menina e depositou toda a sua confiança na criança e no cavalo. Cada passo do galope provocava-lhe dor, mas colocava-os também mais perto de casa.

Quando se aproximavam da clareira, Sorcha viu os filhos mais velhos, Brannaugh arrastando a espada do avô e Eamon de adaga na mão, correndo ao seu encontro.

Tão corajosos, demasiado corajosos.

— Voltem para casa, agora! Corram para casa!

— O homem mau apareceu! — gritou Teagan. — E transformou-se num lobo. Eu atirei-lhe pedras, Eamon, como tu.

As vozes das crianças — as perguntas, a excitação, as pontadas de medo — repetiam-se como ecos na cabeça de Sorcha. Estava ensopada em suor. Uma vez mais, agarrou-se à crina de *Alastar* e desceu para o chão. Cambaleou enquanto tudo à sua volta ficava cinzento.

— A mamã está doente. Precisa do chá.

— Para dentro — conseguiu Sorcha dizer com esforço. — Tranquem a porta.

Ouviu Brannaugh a dar ordens, com a firmeza de um chefe de clã — «buscar água», «avivar o fogo» — e sentiu como se flutuasse para o interior da casa, para a sua cadeira, onde o seu corpo colapsou.

Um pano frio na cabeça. Um líquido quente e potente escorrendo-lhe pela garganta. O alívio da dor, o clarear da mente.

— Agora descansa. — Brannaugh acariciava-lhe os cabelos.

— Estou melhor. Tens um dom muito forte para a cura.

— A Teagan disse que o lobo morreu queimado.

— Não. Conseguimos feri-lo, sim, mas continua vivo. Continua vivo.

— Vamos matá-lo. Montamos uma armadilha e mata-mo-lo.

— Pode ser que isso aconteça, quando eu estiver mais forte. Ele é mais poderoso do que mostrou... faz mais do

que estas mudanças de forma. Não sei que preço pagou pelo poder, mas deve ter sido alto. A tua irmã marcou-o. Aqui. — Sorcha fechou uma mão sobre o ombro esquerdo. — Na forma de um pentagrama. Estejam atentos a esta marca e tenham cuidado com quem a possuir.

— Sim, teremos. Agora, não te preocupes. Nós tratamos do jantar e sentir-te-ás mais forte depois de comeres e de descansares.

— Vais fazer-me um amuleto. Exatamente como eu disser. Faz o amuleto e traz-mo. O jantar pode esperar.

— Vai fortalecer-te?

— Sim.

Brannaugh fez o amuleto e Sorcha pendurou-o ao pescoço, perto do coração. Bebeu mais alguns goles da poção e embora o apetite fosse pouco, obrigou-se a comer.

Depois adormeceu, sonhou e quando acordou encontrou Brannaugh de vigia.

— Vai deitar-te. É tarde.

— Não vamos deixar-te sozinha. Posso ajudar-te a deitar-te na cama.

— Vou ficar aqui, junto da lareira.

— Então eu fico contigo. Faremos turnos. Acordamos o Eamon quando for a vez dele e a Teagan trar-te-á o chá da manhã.

Demasiado exausta para objetar, e demasiado orgulhosa para repreender, Sorcha limitou-se a sorrir. — Vai ser assim?

— Até estares completamente bem outra vez.

— Eu estou melhor, garanto-te. A magia dele era tão forte, tão negra. Precisei de recorrer a todo o poder e mais algum para conseguir detê-la. Ficarias orgulhosa da nossa Teagan. Foi tão corajosa e inteligente. E tu, a correres para nós com a espada do teu avô.

— É muito pesada.

Soube-lhe bem soltar uma gargalhada. — Ele era um homem grande, com uma barba ruiva do comprimento do teu braço. — Com um suspiro, passou uma mão pela cabeça de Brannaugh. — Se não vais para a tua cama, prepara uma enxada no chão. Dormiremos as duas um bocadinho.

Quando a filha adormeceu, Sorcha acrescentou um feitiço para que os sonhos de Brannaugh fossem bons e doces.

Virou-se então para a lareira. Já estava mais do que na altura de chamar Daithi de volta a casa. Precisava da sua espada, da sua força. Precisava dele.

Abriu a mente para o fogo e o coração para o seu amor.

O seu espírito viajou sobre colinas e campos, através da noite, através da floresta, sobre a água onde a Lua se banhava. Voou todos os quilómetros que os separavam até ao acampamento do *clann*.

Ele estava a dormir junto à fogueira, coberto pelo luar.

Quando ela se sentou ao seu lado, ele curvou os lábios num sorriso e envolveu-a com um braço.

— Cheiras a lareira de casa e a clareira de floresta.

— Deves regressar a casa.

— Em breve, *aghra*. Duas semanas, no máximo.

— Deves regressar amanhã, o mais depressa possível. Meu amor, meu guerreiro. — Emoldurou-lhe o rosto com as mãos. — Precisamos de ti.

— E eu de ti. — Virou-se para a imagem dela e tocou-lhe os lábios com os seus.

— Não no leito, embora eu anseie pela tua presença. Todos os dias, todas as noites. Preciso da tua espada, preciso de ti a meu lado. Cabhan atacou hoje.

Daithi levantou-se com um salto com a mão na bainha da espada. — Estás ferida? As crianças?

— Não, não. Mas por pouco. Ele está cada dia mais forte e eu mais fraca. Receio não conseguir detê-lo.

— Não existe ninguém mais forte que tu. Ele nunca conseguirá fazer mal à Bruxa das Trevas.

Sorcha emocionou-se com a confiança que o marido depositava nela, pois já não era merecedora de tal. — Não estou bem.

— O que se passa?

— Não queria sobrecarregar-te e... não, foi o meu orgulho. Dei-lhe demasiado valor, mas agora ponho-o de lado. Tenho medo do que aí vem, Daithi. Tenho medo dele. Sem ti, não conseguirei detê-lo. Pelos nossos filhos, pelas nossas vidas, vem para casa.

— Partirei esta noite. Levarei alguns homens comigo e regressarei a casa.

— Assim que amanhecer. Espera pela manhã, pois a escuridão é dele. E sê rápido.

— Dois dias. Estarei contigo em casa daqui a dois dias. E Cabhan conhecerá a minha espada. Juro-te.

— Estarei atenta e esperarei por ti. Sou tua nesta vida e para todo o sempre.

— Cura-te, minha bruxa. — Beijou-lhe a mão. — É a única coisa que te peço.

— Vem para casa e eu curar-me-ei.

— Dois dias.

— Dois dias. — Sorcha beijou o marido, abraçando-o com força. E levou consigo o beijo enquanto sobrevoava de volta o espelho da Lua e as colinas verdes.

Regressou ao seu corpo cansado, tão cansado, mas também mais forte. A magia entre os dois era intensa e verdadeira.

Dois dias, pensou, e fechou os olhos. Enquanto ele cavalgasse ao seu encontro, ela descansaria para que a magia

se fortalecesse. Manteria as crianças por perto e absorveria a luz.

Adormeceu outra vez; sonhou outra vez.

E viu no seu sonho que ele não esperara pelo amanhecer. Daithi montara sob o luar, sob as estrelas frias. A sua expressão era feroz enquanto o seu cavalo galopava sobre o chão duro.

O cavalo lançou-se para diante, ultrapassando largamente os dos três homens que o acompanhavam na viagem.

Usando o luar e as estrelas, Daithi cavalgava para casa, para a sua família, para a sua mulher. Amava mais a Bruxa das Trevas do que a própria vida.

Quando o lobo saltou do meio da escuridão, ele mal teve tempo de desembainhar a espada. Daithi desferiu um golpe, mas a espada atravessou apenas ar e o cavalo empinou-se. A névoa ergueu-se como muros cinzentos, cercando-o, bloqueando os seus homens.

Ele atacou, mas o lobo conseguiu escapar à lâmina, ameaçando-o com as suas mandíbulas, projetando violentamente as garras, e desapareceu novamente no meio da névoa... para voltar a atacar.

Ela voou ao encontro dele, sobrevoando velozmente, uma vez mais, as colinas e a água.

Sorcha soube quando as mandíbulas rasgaram a carne, quando o sangue se derramou do coração de Daithi... e do seu. As suas lágrimas caíam como chuva, dissipando a névoa. Gritando o nome dele, caiu junto ao seu corpo.

Sorcha tentou o seu feitiço mais forte, mais poderoso, mas o coração dele não voltou a bater.

Quando agarrou na mão de Daithi, e gritou à deusa por misericórdia, ouviu o lobo rir na escuridão.